

VIKTOR N. SHULGIN

FUNDAMENTOS
DA EDUCAÇÃO SOCIAL

1ª edição

EXPRESSÃO POPULAR

São Paulo - 2022

Copyright © 2022 by Editora Expressão Popular Ltda

Título original: ОСНОВНЫЕ ВОПРОСЫ СОЦИАЛЬНОГО ВОСПИТАНИЯ,
Moscou: Rabotnik Prosveshcheniya, 1924 (126 p.).

Tradução do original russo: *Natalya Pavlova e Luiz Carlos de Freitas*

Preparação: *Cecília Luedemann*

Revisão: *Letícia Bergamini Souto*

Projeto gráfico, diagramação e capa: *ZAP Design*

Imagem da capa: “Живописная конструкция”.

Lyubov Sergeyevna Popova (1889-1924), 1920.

Impressão e acabamento: *Cromosete*

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

S562f Shulgin, Viktor N.
Fundamentos da educação social / Viktor N. Shulgin ;
tradução do original russo: Natalya Pavlova e Luiz Carlos de
Freitas. --1. ed. -- São Paulo : Expressão Popular, 2022.
136 p.

ISBN 978-65-5891-062-6

Título original russo.

1. Pedagogia socialista. 2. Educação social -
Fundamentos. 3. I. Pavlova, Natalya. II. Freitas, Luiz Carlos
de Freitas. III. Título.

CDU 37.015.4

Catalogação na Publicação: Eliane M. S. Jovanovich CRB 9/1250

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desse livro pode ser utilizada
ou reproduzida sem a autorização da editora.

1ª edição: junho de 2022

EDITORIA EXPRESSÃO POPULAR

Rua Abolição, 197 – Bela Vista

CEP 01319-010 – São Paulo – SP

Tel: (11) 3112-0941 / 3105-9500

livraria@expressaopopular.com.br

www.expressaopopular.com.br

 ed.expressaopopular

 editoraexpressaopopular

SUMÁRIO

Apresentação da edição brasileira.....	7
<i>Luiz Carlos de Freitas</i>	
Prefácio do autor	23
I. Sobre as finalidades da educação	27
II. A atualidade e as crianças.....	47
III. Sobre a auto-organização.....	67
IV. Sobre os objetivos do trabalho.....	95
V. Sobre a questão da formação de professores.....	127

ИНСТИТУТ КОММУНИСТИЧЕСКОГО ВОСПИТАНИЯ

В. Н. ШУЛЬГИН

370.1

Ш 957

ОСНОВНЫЕ ВОПРОСЫ СОЦИАЛЬНОГО ВОСПИТАНИЯ

„Философы лишь объясняли
мир: так или иначе, но дело
заключается в том, чтобы изме-
нить его“.

К. Маркс.

Издательство
„РАБОТНИК ПРОСВЕЩЕНИЯ“

МОСКВА — 1924

APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO BRASILEIRA

LUIZ CARLOS DE FREITAS¹

Vivemos em uma época em que os sinais de esgotamento da era do capital são cada vez mais evidentes: enfraquecimento da hegemonia estadunidense e as disputas que se abrem com este fato; a queda tendencial das taxas médias de lucro globais; fortalecimento dos conservadores em articulação com os neoliberais, em uma aliança que já havia ocorrido em meados do século XIX; implantação de formas de exploração baseadas em alta tecnologia que afastam cada vez mais o ser humano dos processos produtivos, abrindo caminho para uma crise na produção de valor; crescente insatisfação das classes exploradas pelo aumento das desigualdades sociais e o recrudescimento das formas intensivas de extração de mais-valia; crise climática crescente; o niilismo pós-moderno que resmunga e rosna contra o neoliberalismo, mas só consegue visualizar saídas utópicas; o questionamento da própria democracia liberal que revela, por um lado, o desencanto das classes exploradas com os resultados pífijs da social-democracia ou da centro-esquerda, evidencian-

¹ Professor titular aposentado da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas/SP (Unicamp).

do dificuldades crescentes na luta institucional e, por outro, o desejo das elites, prescientes do agravamento das crises, de implantar formas autocráticas de governo que as blindem deste esgotamento lento mas persistente, entre outros sinais.

A ofensiva neoliberal/conservadora vê a educação como área estratégica e, desde os anos de 1970, põe em prática um cerco às redes de ensino e às escolas como forma de garantir o controle político e ideológico dos processos educacionais, procurando manter a formação da juventude no âmbito de suas finalidades educativas, em um esforço para que a solução da crise em curso se dê no âmbito destas.

O lançamento deste livro de Viktor Nikolaevich Shulgin,² *Fundamentos da Educação Social*, gestado nos anos que se seguiram à Revolução Russa de 1917 e publicado em 1924, no calor da guerra civil que ocorreu após a revolução, é uma importante ajuda para visualizarmos caminhos que a educação pode trilhar nesta travessia que, mais cedo ou mais tarde, também teremos que enfrentar para superar o atual estado de coisas, em direção

² Viktor N. Shulgin (1894-1965) formou-se na Faculdade de História e Filologia da Universidade de Moscou em 1917. Foi historiador e professor e atuou como membro do Conselho Científico Estatal, na Seção Científica e Pedagógica, de 1921 a 1931, e foi também membro do Comissariado do Povo para a Educação, de 1918 a 1922, como vice-chefe do Departamento de Reforma Escolar, e de 1922 a 1931, como diretor do Instituto de Métodos de Trabalho Escolar. Seu conceito de pedagogia envolvia uma estreita ligação entre a escola e o meio, a produção, as organizações sociais e políticas e a participação ativa dos estudantes no meio social. Seu objetivo era a formação de um novo ser humano, alinhado com uma sociedade comunista. Defendia também a ideia de escolas politécnicas junto aos aparatos produtivos e essa proximidade com a produção e a vida em geral, bem como com o método de projetos, especialmente ao final da década de 1920, o que levou a ser considerado um defensor da eliminação das escolas – razão pela qual foi criticado, e afastado em 1931. Foi exilado em 1932 em Chelyabinsk, mas voltou a Moscou em 1938, onde atuou no Museu da Revolução como pesquisador.

a uma etapa de transição socialista que nos permita construir uma nova ordem social.

Do ponto de vista mais imediato, fornece elementos para que possamos, desde já, analisar criticamente as próprias experiências que estamos criando para nos contrapormos a esta investida do capital e que se desenvolvem atualmente no interior das condições que as crises vão alimentando. O leitor encontrará, aqui, uma crítica dura em relação às teorias educacionais burguesas, nascentes à época da Revolução Russa, mas que atravessaram o século XX e chegaram até nós, às vezes sob nova roupagem.

No século XXI, face a este cenário de crises, grandes lutas estarão em curso e precisaremos de toda a experiência acumulada pelas classes exploradas em suas lutas para construir uma sociedade socialista que não poderá prescindir de uma educação socialista. Este “pequeno livro”, como o chama Shulgin, descreve como a Revolução Russa construiu uma estratégia para resolver, no seu tempo e condições, esta questão.

A Revolução Russa foi o evento mais significativo do século XX e reuniu condições inéditas para ensaiar – em meio a erros e acertos – novas formas e conteúdos para a formação da juventude. Como alerta Wallerstein, uma revolução não se avalia somente pelos resultados imediatos que produz, mas pelos efeitos que desencadeia no médio prazo.

Infelizmente, tanto à direita quanto à esquerda, o que se ouviu com mais frequência foram os ecos de seus erros, às vezes até mesmo produzidos pelo próprio Partido Comunista da URSS e seus representantes ocidentais empenhados em legitimar disputas internas entre visões sobre o curso da revolução. Disto não escaparia a primeira geração de educadores que se dedicaram intensamente a pensar os caminhos da educação sob a transição socialista – notadamente Anatoli Lunacharsky, Nadezhda Krupskaya, Viktor Shulgin e Moisey Pistrak.

Os historiadores russos dividem a história da educação soviética relativa a essa primeira geração de educadores em dois períodos: um que vai de 1917 a 1920 e outro que vai de 1921 a 1930. O primeiro foi destinado à reforma da escola e constituição da pedagogia soviética, enquanto o segundo foi destinado à afirmação da escola socialista e da pedagogia marxista-leninista (*Sovietskaya Pedagogika*, 1954, p. 123-130). Para nossos propósitos de pesquisa, juntamos os dois períodos em um só: 1917-1930. Note-se que de 1917 a 1921 ocorreu a guerra civil que se seguiu à revolução de 1917, portanto pouco se pode avançar. E devemos considerar que em 1931 a educação passa por sua primeira reforma educacional e muda seu enfoque. Esta é a razão de nosso interesse de estudo nesse período inicial e não nos períodos posteriores.³

O livro que agora é publicado pela Editora Expressão Popular é produto da experimentação conduzida na Escola Experimental-Demonstrativa P. N. Lepeshinsky, ou Escola-Comuna, sob responsabilidade do Comissariado do Povo para a Educação, órgão máximo da educação russa após a revolução. Esta experiência gerou um relatório organizado por Moisey M. Pistrak, “A Escola-Comuna” (Pistrak, 2009), prefaciado por

³ Cf. “A luta por uma pedagogia do meio: revisitando o conceito” (Freitas, 2009). Ali apresento um balanço detalhado desse período feito por Pistrak, inclusive minha posição que, em alguns aspectos, discorda do balanço do autor. No entanto, o que apresento ali deve ser tomado como hipóteses a serem desenvolvidas. E isso exige a presença de historiografia profissional que a minha formação não inclui. Em se tratando da década de 1930, em meio ao cerco capitalista e à repressão interna das ideias divergentes, fica muito difícil saber quando, de fato, as afirmações públicas correspondem aos pensamentos. Basta lembrar que Pistrak será denunciado e fuzilado em 1937; Shulgin será afastado do seu posto de trabalho no Comissariado e exilado; Krupskaya será deslocada para uma posição irrelevante, e o próprio Lunacharsky, afastado da liderança do Comissariado do Povo para a Educação em 1929, será assassinado na França em 1933.

Nadezhda K. Krupskaya. Neste, já se verifica a participação de Viktor N. Shulgin.

A Escola-Comuna deveria criar as bases para a organização da educação soviética tendo como referência a Deliberação do Comitê Executivo Central de Toda a Rússia sobre a escola única do trabalho (seu regulamento) e a Declaração conhecida como Princípios Fundamentais da Escola Única do Trabalho – ambas de outubro de 1918.⁴

Escrevendo em 1929, portanto, já ao final do período que estamos considerando, ano em que Lunacharsky, por desavenças com a política de Stalin,⁵ deixa o Comissariado do Povo para a Educação, Pinkevitch afirmará em *The new education in the Soviet Republic*,⁶ na seção sobre “A escola do trabalho como é compreendida pelos comunistas russos”, que ele tomará por base “teóricos comunistas como Lenin, Krupskaya, Lunacharsky, Shulgin e Pistrak” (Pinkevitch e Perlmutter, 1929, p. 198), o que ratifica a importância destes autores na compreensão deste período.

Este livro de Shulgin é a primeira sistematização do período que descreve, a partir da experiência da Escola-Comuna P. N. Lepeshinsky, as finalidades educativas e as categorias que irão orientar a política pública educacional da revolução. Ele faz parceria com outro livro, de M. M. Pistrak, *Fundamentos da*

⁴ Ver os documentos nos anexos do livro de Krupskaya (2017, p. 267-309).

⁵ Desde 1928 as relações já não estavam boas e agravaram-se em 1929, quando Lunacharsky discorda da política da revolução cultural de Stalin para as escolas. Seu pedido de demissão foi seguido pelo de Krupskaya, entre outros. Assume seu lugar Bubnov, um amante da revolução cultural com pouca experiência no campo da educação. Cf. Holmes (2019, p. 119).

⁶ O livro é um esforço conjunto para apresentar a educação na União Soviética, cuja tradução é supervisionada pelo próprio Pinkevitch. Em 1937 ele será fuzilado juntamente com Pistrak.

Escola do Trabalho (Pistrak, 2018), também publicado na Rússia em 1924. No prefácio de seu livro, Pistrak escreve:

Como o leitor perceberá, meu trabalho junta-se ao livro do camarada V. N. Shulgin, *Fundamentos da Educação Social*, ao qual repetidas vezes me refiro e do qual eu tomei emprestado inúmeras vezes. Eu mesmo considero o presente livro como uma continuação natural do trabalho do camarada Shulgin, dedicado principalmente ao exame e à crítica das tendências pedagógicas burguesas contemporâneas. Pareceu-me razoável, depois da crítica da antiga escola, dar continuidade a ele com uma série de problemas da nova escola e esboçar os caminhos de sua solução. (Pistrak, 2018, p. 24)

Shulgin, ao realizar a crítica das teorias educacionais burguesas da época, coloca em cena, por contraste, quais são as finalidades da educação socialista e, alinhadas a estas, quais são as principais categorias que devem orientar a construção da nova escola soviética (atualidade, auto-organização e trabalho), construção esta que o mencionado livro de Pistrak aborda, do ponto de vista da prática. Após fixar as finalidades e as principais categorias educativas, Shulgin, em seu capítulo final, esboçará o tipo de professor de que essa escola precisa. Com isso, cerca as principais decisões da política: quais são as finalidades da educação sob a revolução, quais suas principais categorias formativas e, finalmente, qual tipo de professor pode conduzir essa tarefa.

Dessa forma, penso que estes dois livros – ao lado das Deliberações mencionadas e do relatório da experiência da Escola-Comuna – estão entre os principais documentos que registram a base da política pública educacional que orientou a maior parte desse período. O leitor brasileiro pode, então, a partir destes materiais, construir um cenário das finalidades,

categorias e práticas da educação que tem no presente livro de Shulgin um caráter seminal.

Um dos grandes ensinamentos desse período, expresso na formulação de Shulgin, foi chamar a atenção para a necessidade de se operar na escola, guiadas pelas novas finalidades educativas da transição socialista, uma série de mudanças em várias dimensões e que vão muito além da pura organização do trabalho pedagógico no âmbito da sala de aula, ou seja, o conteúdo e o volume de conhecimento a ser apreendido, atingindo os métodos e a própria estrutura interna da escola como um todo, abrindo-a para a vida, para o trabalho socialmente necessário,⁷ sem perder a dimensão da formação teórico-científica. A experiência russa (Freitas, 2009) mostra que isso não é fácil quando se tem um sistema educativo nas mãos.

Para Shulgin, (e diríamos que isso perpassa essa primeira geração de pioneiros ligados à política pública educacional em construção), essa escola tinha como objetivo formar um novo ser humano que, em uma fase de transição socialista, se preparasse para a fase comunista que deveria começar a ser desenvolvida de forma simultânea no interior da fase socialista. Para ele, isso era uma tarefa imediata e não posterior. Este é o sentido de sua afirmação no Prefácio:

Este pequeno livro é um resumo expandido das teses de uma série de livros os quais ainda terão que ser escritos, mas que o serão, porque sua escrita será uma exigência da marcha progressiva da grande revolução de outubro. Mas quando forem escritos por alguém em algum momento, suas ideias básicas já estarão

⁷ Em Marx, “trabalho socialmente necessário é aquele requerido para produzir um valor de uso qualquer”. “Como criador de valores de uso, como trabalho útil, é o trabalho, por isso, uma condição de existência do homem, independente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana” (Marx, 1985, p. 48-50).

mencionadas aqui, pois as linhas gerais do futuro edifício, seus pilares principais, já estão claros agora.

Ele tinha consciência de que a caminhada era longa, que estava para além de um esforço da sua geração, que era necessário, como escreve, “preparar nossa própria substituição” e queria formar as novas gerações lutadoras e construtoras de uma sociedade sem classes, que exigia a preparação de um novo ser humano e, portanto, uma nova concepção educacional.

Em seu prefácio à edição do livro *A Escola-Comuna*, Krupskaya (2009, p. 108) também destacaria:

Outro aspecto que se revelou extremamente bom na coletânea é o desejo incansável dos seus organizadores de ligar a escola com fortes fios à vida social ao redor, transformar a própria escola em parte integrante desta vida, ligada inseparavelmente a ela, e racionalmente organizada.

Das categorias formativas indicadas por Shulgin, a que diz respeito à auto-organização é a mais complexa, tanto para se denominar quanto para se compreender. O termo original russo também pode ser traduzido por “autogoverno”, mas nós estamos usando o termo “auto-organização”. Para Shulgin:

seu objetivo é desenvolver habilidades organizacionais, hábitos de vida e trabalho coletivo, para desenvolver a persistência no atingimento dos objetivos colocados pelo coletivo, a capacidade de compreender as pessoas, de agrupá-las corretamente para atingir o objetivo de introduzir gradativamente as crianças na construção da vida, de incluí-los na vida mundial, lutadores pelos ideais da classe trabalhadora.

Pinkevitch dirá que a principal característica da teoria de “autogoverno” russa é sua “base comunista”, e continua: “O autogoverno é nosso instrumento educacional mais efetivo para produzir tais organizadores, construtores e lutadores” (Pinkevitch e Perlmutter, 1929, p. 214) – uma formulação que

também é o pensamento de Shulgin. E mais adiante, Pinkevitch, citando Krupskaya, registra: “Não se deve ceder ao autoengano e imaginar que os adultos não têm influência e que as crianças agem de forma independente. Mesmo que as pessoas mais velhas não estejam presentes nas reuniões, eles dão o tom geral aos procedimentos e dirigem a autoatividade das crianças em determinados canais” (Pinkevitch e Perlmutter, 1929, p. 221).

Portanto, preferimos traduzir esta categoria por “auto-organização” significando tanto uma dimensão de organização pessoal quanto de organização coletiva – uma forma de preparação para a vida socialista que, como salienta Shulgin, deve ser aprendida desde cedo em interação entre a escola e o seu meio, a vida, tendo o trabalho socialmente necessário como forma de mediação.

Nesta mesma direção, Shulgin admite o papel imprescindível da célula da União da Juventude Comunista e do grupo de Pioneiros atuando junto à escola, mas “sem nenhum privilégio especial”, o que reafirma a indicação de Pinkevitch de que uma das características marcantes do “autogoverno” é a sua “base comunista”. Nosso entendimento é que o termo “autogoverno” pode sugerir mais do que, de fato, essa categoria envolve, razão pela qual preferimos auto-organização.

Um balanço mais detalhado da evolução desse período da educação soviética foi realizado em outro texto (Freitas, 2009). Como afirmei lá, e continuo defendendo, a reforma educacional de 1931, construída em cima de uma crítica ácida do que se havia feito até 1929, motivada pelo confronto entre diferentes visões de como deveria caminhar a revolução, não representou um avanço para a educação soviética (Freitas, 2009), o que, em minha opinião, aumenta ainda mais a importância de se examinar esse período inicial, não a partir do que fez circular a versão oficial divulgada pelo Estado soviético a partir da década

de 1930, mas a partir da própria produção de seus principais personagens.

O leitor indagará sobre a presença das ideias de Anton S. Makarenko na política educacional que está sendo formulada nesse período e com ampla divulgação no Ocidente. Para minha surpresa, não encontrei nenhum rastro de sua influência na formulação desta. Como expressa Maurício Tragtenberg na apresentação da primeira tradução brasileira do livro *Fundamentos da Escola do Trabalho*, de Pistrak (1981),⁸ feita em 1981:

Pistrak situa-se na linha dos grandes educadores como Pavel Blonsky, Nadéjda Krupskaya e Vassili Lunacharsky. Apesar disso, durante o stalinismo, a sua importância foi ofuscada pela emergência de Makarenko como o ‘grande educador soviético’. Isto não foi acidental: Makarenko fundou uma pedagogia sem escola, nascida das trágicas circunstâncias da Guerra Civil que gerou milhares de jovens associiais – razão pela qual ele tem pouco a dizer a respeito da escola. (Tragtenberg, 1981, p. 7)

Nesse primeiro período, portanto, a influência de Makarenko parece não existir, e penso que uma possível razão a ser pesquisada está exatamente na diferença entre o conceito de coletivo que ele defendia para suas comunas e o que o leitor poderá conhecer neste livro de Shulgin. Isso não deve nos levar à conclusão de que Makarenko não produziu contribuições

⁸ A grande maioria de nós encontrou nesta obra traduzida pelo professor Daniel Aarão Reis Filho a primeira indicação sobre Pistrak, do qual nem o nome completo se sabia. Segundo me disse Maurício Tragtenberg, o livro havia saído da Rússia de forma clandestina através da Finlândia e foi traduzido na França, vindo depois a ser traduzido no Brasil a partir da edição francesa. Esse trabalho pioneiro abriu uma grande via para os estudos desse primeiro período da revolução. Em 2018 a Editora Expressão Popular publicou uma tradução direta do russo. Sem esse trabalho pioneiro de Daniel Aarão Reis Filho, não poderíamos ter avançado na compreensão desse período inicial da educação na Revolução Russa.

para o campo educacional, mesmo nos limites dos objetivos das comunas de cuja coordenação tomou parte.

Nossa tarefa é dar a conhecer a experiência desse primeiro período da educação sob a revolução para que seja submetida à análise crítica e retirar dele os ensinamentos necessários para continuar a luta pela construção da Pedagogia Socialista.⁹ No Brasil, se no âmbito dos sistemas de ensino há dificuldades para se ensaiar essas ideias, a experiência educacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) tem muito a ensinar.¹⁰

O livro de Shulgin contribui para definir uma estratégia de formação da juventude, sem prejuízo de que, no âmbito dos sistemas de ensino regulares de nosso tempo, se pensem táticas mais adequadas ao momento e às condições das nossas escolas – em consonância com o estágio de desenvolvimento da luta política. Mas, mesmo neste caso, é preciso que se tenha clareza da estratégia. O que não pode acontecer é nos dedicarmos a criar táticas como se estas fossem, em si, a própria estratégia.

Cabe apontar ainda que nos documentos e livros citados para caracterizar o início das mudanças na educação soviética, inclusive neste pequeno livro de Shulgin, o leitor ainda não encontrará uma sistematização sobre a escola politécnica do trabalho. Ela será sistematizada nos anos que se seguirão.¹¹

⁹ Uma pedagogia que tem caráter internacionalista e se alimenta da experiência revolucionária das classes exploradas em escala mundial, indo além dos limites nacionais.

¹⁰ Cito aqui o trabalho do Instituto de Educação Josué de Castro, relatado no livro organizado por Caldart e outros (2013), e que tem essa ampla dimensão. Também se encontram estudos que procuram introduzir alterações importantes na prática das escolas como, por exemplo: Sapelli, Leite e Bahniuk (2019); Sapelli, Freitas e Caldart (2015).

¹¹ Dois exemplos estão à disposição do leitor brasileiro: *Ensaio sobre a Escola Politécnica* (Pistrak, 2015); *Rumo ao politecnismo* (Shulgin, 2013).

Como registro final, vale dizer que quando iniciei este estudo, em 1988, tinha por objetivo aprender com a Revolução Russa. À medida que ele avançava, me deparei com uma gigantesca operação de silenciamento dessa primeira geração de educadores: os objetivos, então, ficaram mais amplos. Coloquei como tarefa adicional, nos modestos limites da minha competência, devolver a voz dessa geração silenciada para que ela pudesse, por meio da tradução e publicação de algumas das suas principais obras, ter o direito de ter suas ideias conhecidas, antes de serem julgadas.¹² Mas isso somente foi possível graças ao empenho da Editora Expressão Popular que assumiu a tarefa de tornar este projeto uma realidade.

Campinas, fevereiro de 2022.

Referências

- CALDART, Roseli S. *et al.* (org.) *Escola em Movimento*: Instituto de Educação Josué de Castro. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- FREITAS, Luiz Carlos de. “A luta por uma pedagogia do meio: revisitando o conceito”. In: PISTRAC, Moisey M. (org.) *Escola-Comuna*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- HOLMES, Larry E. *The Kremlin and the schoolhouse: reforming education in Soviet Russia, 1917-1931*. Bloomington: Indiana University Press, 2019.
- KRUPSKAYA, Nadezhda K. Prefácio. In: PISTRAC, Moisey M. (org.) *Escola-Comuna*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- KRUPSKAYA, Nadezhda K. *A construção da pedagogia socialista*. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

¹² A escolha destas ocorreu na Biblioteca Estatal de Ciências Pedagógicas K. D. Uchinski, em Moscou, no ano de 1995, biblioteca que guarda o acervo produzido no campo da educação, local para onde fui dirigido por orientação da Academia Russa de Educação.

- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Livro 1, t. 1. Trad.: Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1985.
- PINKEVITCH, Albert. P.; PERLMUTTER, Nucia. *The new education in the Soviet Republic*. New York: The John Day Company, 1929.
- PISTRAK, Moisey. *Fundamentos da Escola do Trabalho*. Trad. [do francês]: Daniel Aarão Reis Filho. Apres. Maurício Tragtenberg. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- PISTRAK, Moisey M. (org.) *A Escola-Comuna*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- PISTRAK, Moisey M. *Ensaio sobre a Escola Politécnica*. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- PISTRAK, Moisey M. *Fundamentos da Escola do Trabalho*. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- SAPELLI, M. L. S.; LEITE, V. J.; BAHNIUK, C. *Ensaio da Escola do Trabalho na luta pela terra*. São Paulo: Expressão Popular, 2019.
- SAPELLI, M. L. S.; FREITAS, L. C.; CALDART, R. S. *Caminhos para transformação da escola* n. 3 – “Organização do trabalho pedagógico nas escolas do campo: ensaios sobre complexos de estudo”. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- SHULGIN, Viktor N. *Rumo ao politecnismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- SOVIETSKAYA PEDAGOGIKA. “О периодизации истории советской школы и педагогики.” *Sovietskaya Pedagogika*, n. 6, p. 123-130, 1954.
- TRAGTENBERG, MAURÍCIO. Pistrak: uma pedagogia socialista. In: PISTRAK, M. *Fundamentos da escola do trabalho*. Trad. Daniel Aarão Reis. São Paulo: Brasiliense, 1981.

*Os filósofos apenas interpretam o mundo de maneiras diferentes,
mas a questão está em transformá-lo.*

Karl Marx